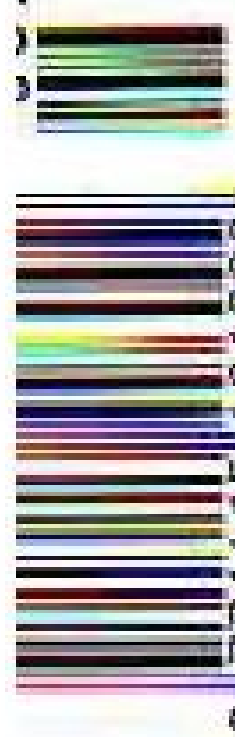
COLEÇÃO
PLACAR
História do futebol 6
Copa 1990
A Alemanha leva o seu tri
Mulheres em campo
África
O continente onde o futebol mais cresce
O FUTEBOL CONQUISTA O MUNDO
BARCELONA: TEMPOS DE GLÓRIA PARA O TIME MAIS PODEROSO DO MUNDO
VANDALISMO NO ESTÁDIO: 38 MORTOS E 350 FERIDOS NO "MASSACRE DE BRUXELAS"

Um pneu que dura mais e economiza combustível

P3000 Energy. Onde economia é performance.

Acaba de chegar ao Brasil o mais novo conceito em pneu: P3000 Energy. A partir de um revolucionário composto de materiais e de um desenho exclusivo, o P3000 Energy tem uma durabilidade 15%* maior que os pneus standard e economiza mais combustível. Essas melhorias fazem dele um pneu ecologicamente correto. E, com tantas vantagens, podemos dizer que o P3000 Energy é muito mais que um pneu. É um investimento.

*Considerando padrões normais de dirigibilidade

POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

PIRELLI

não poderia causar outra reação.

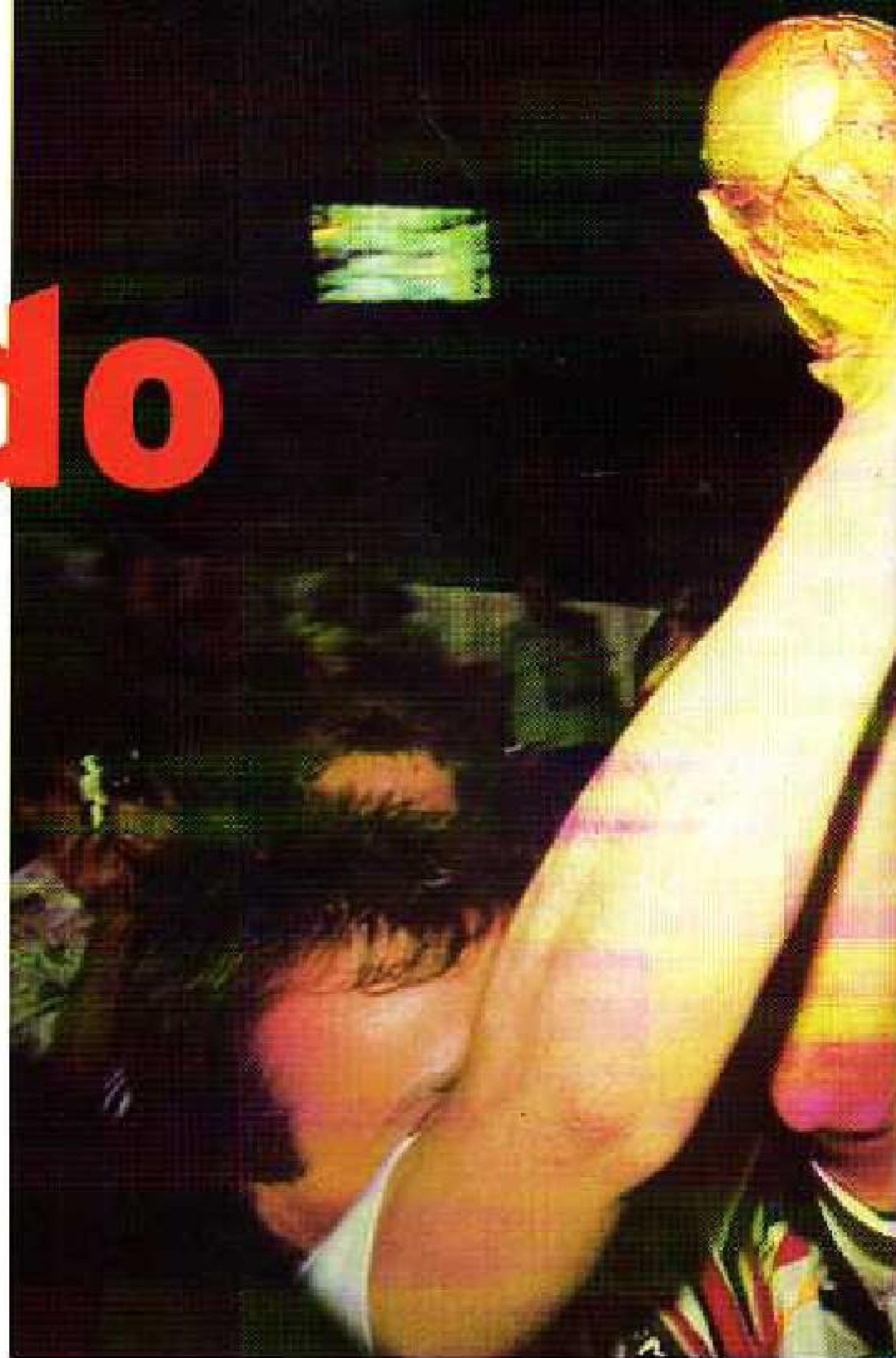
copa 1990

Ficou faltando futebol

Uma campeã burocrática, uma vice medíocre e um Brasil que até deu dó. Só a Seleção de Camarões conseguiu dar um pouco de alegria ao Mundial da Itália

NUNCA SE BOCEJOU TANTO NA HISTÓRIA DAS COPAS. Deve-se ter pena de quem assistiu a Holanda x Irlanda, Inglaterra x Egito, Brasil x Escócia, Argentina x Romênia e Uruguai x Espanha, entre vários jogos medíocres da Copa de 1990, disputada na Itália. Pouca coisa escapou do limbo. Com boa vontade, pode-se falar da Alemanha, a campeã, que mostrou força, abnegação e disciplina. "Ser capitão do time campeão é ótimo. Mas ser técnico dá muito mais trabalho e satisfação", disse Franz Beckenbauer, o melhor jogador alemão de todos os tempos. Beckenbauer foi campeão mundial, em 1974, como jogador, e campeão, em 1990, como treinador. Antes dele, apenas o brasileiro Zagallo tinha alcançado a mesma glória.

A vitória da Alemanha serviu para fortalecer a imagem do líbero, jogador que fica atrás da linha de zagueiros, pegando o atacante caso ele passe. De posse da bola, ele pode ir à frente e comandar a armação do ataque. O técnico brasileiro Sebastião Lazaroni, fascinado com a idéia, escalou Mauro Galvão no posto. O resultado foi pífio.

No meio de tanta coisa ruim, o destaque ficou com a alegre surpresa de Camarões, do veterano Roger Milla, um time driblador mas ingênuo a ponto de dar de graça aos ingleses a classificação para as Semifinais, depois de estar vencendo o jogo por 2 x 0. Nem o argentino Maradona se safou dessa. Longe da belíssima forma da Copa anterior, o camisa 10 fez o que pôde para levar até a Final os seus limitadíssimos companheiros. O vice-campeonato foi um presente dos céus. Infelizmente, um dos poucos lampejos de genialidade de Maradona surgiu contra o Brasil, nas Oitavas-de-Final. Ele partiu com a bola do meio-campo, foi levando a defesa e, quase caído, descobriu o atacante Caniggia livre para marcar o gol que nos desclassificou. A Seleção Brasileira terminou em nono lugar — vexame maior apenas na Copa de 1934, quando terminamos na 14ª colocação. Era o fim da chamada "Era Dunga", um tempo em que dar chutão e se defender de qualquer jeito virou símbolo da Seleção Brasileira. Com a eliminação, o volante, antes celebrado, tornou-se bode expiatório nacional. Ele teria que esperar longos quatro anos até se vingar de seus críticos. O Brasil teve ainda um sério desfalque. A três meses da Copa, Romário quebrou o perônio direito. Passou horas e horas na fisioterapia e conseguiu continuar no grupo. Mesmo assim, o Baixinho não entrou em nenhuma partida. Bebeto, que chegara à Itália como grande estrela brasileira, só jogou sete minutos. Ele entrou aos 38 minutos do segundo tempo contra a Costa Rica. O craque nunca perdoou o técnico Lazaroni pela "humilhação".

O tetra é nosso!

Romário foi o rolo compressor da Seleção Brasileira na Copa em que Maradona, apanhado no antidoping, encerrou seus dias de glória

FOTOS INTERCONTINENTAL PRESS

Na cobrança de penâltis, contra a Itália, Romário marca o seu e se transforma no herói do tetra

NA ESTRÉIA, CONTRA A RÚSSIA, ELE FEZ O PRIMEIRO E SOFREU O PÊNALTI QUE ORIGINOU O SEGUNDO GOL DO BRASIL. Contra Camarões, abriu o caminho dos 3 x 0. Depois, só não perdemos para a Suécia porque ele (sempre ele) empatou. Ajudou, também, a despachar os Estados Unidos, descobrindo Bebeto livre para fazer o gol da vitória. Abriu a contagem nos 3 x 2 contra a Holanda. Marcou novamente contra a Suécia, nas Semifinais, quando a prorrogação parecia inevitável. De quebra, na Final contra a Itália, deixou sua marca na série de pênaltis que garantiu o título. Romário fez ou não fez de tudo na campanha do Brasil tetra? Um goleador era fundamental para que o esquema pragmático do técnico Parreira desse certo. Com sua genialidade, Romário, sozinho, contrabalançou o pobre futebol demonstrado pelo Brasil e pelos adversários naquele Mundial. Ao erguer o troféu Fifa, o capitão Dunga destilou toda a sua mágoa contra os jornalistas: "Essa taça é para vocês, bando de traíras!".

A festa, porém, azedou na volta do time ao Brasil. Ao desembarcar no Rio de Janeiro, a alfândega ficou impressionada com a bagagem da delegação. Era um mar de geladeiras, televisores e muitos outros produtos eletrônicos. A história virou escândalo e ficou conhecida como a "Muamba do Tetra".

A Copa dos Estados Unidos não foi tão ruim quanto a anterior, mas também ficou longe dos bons tempos. Antes do início da competição, apenas um em cada quatro americanos sabia que esporte era praticado na Copa do Mundo. Apareceram agradáveis surpresas, como a Bulgária e a Suécia entre as quatro primeiras colocadas. O futebol alegre de Romênia e Nigéria — que, no entanto, não foram longe. E um Maradona exuberante até ser flagrado pelo exame antidoping. Logo após a vitória de 3 x 1 sobre a Nigéria, Maradona saiu de campo de mãos dadas com uma enfermeira americana. Ia direto para o exame antidoping, que constataria a presença do estimulante efedrina em sua urina. O argentino alegou que a droga fazia parte de um composto para perder peso, usado antes da Copa. Não adiantou. Seus dias de glória acabaram ali.

MARCOS ROSA

O capitão Dunga erque o trófeu e desabafa para os jornalistas: "Essa taça é para vocês, bando de traíras!"

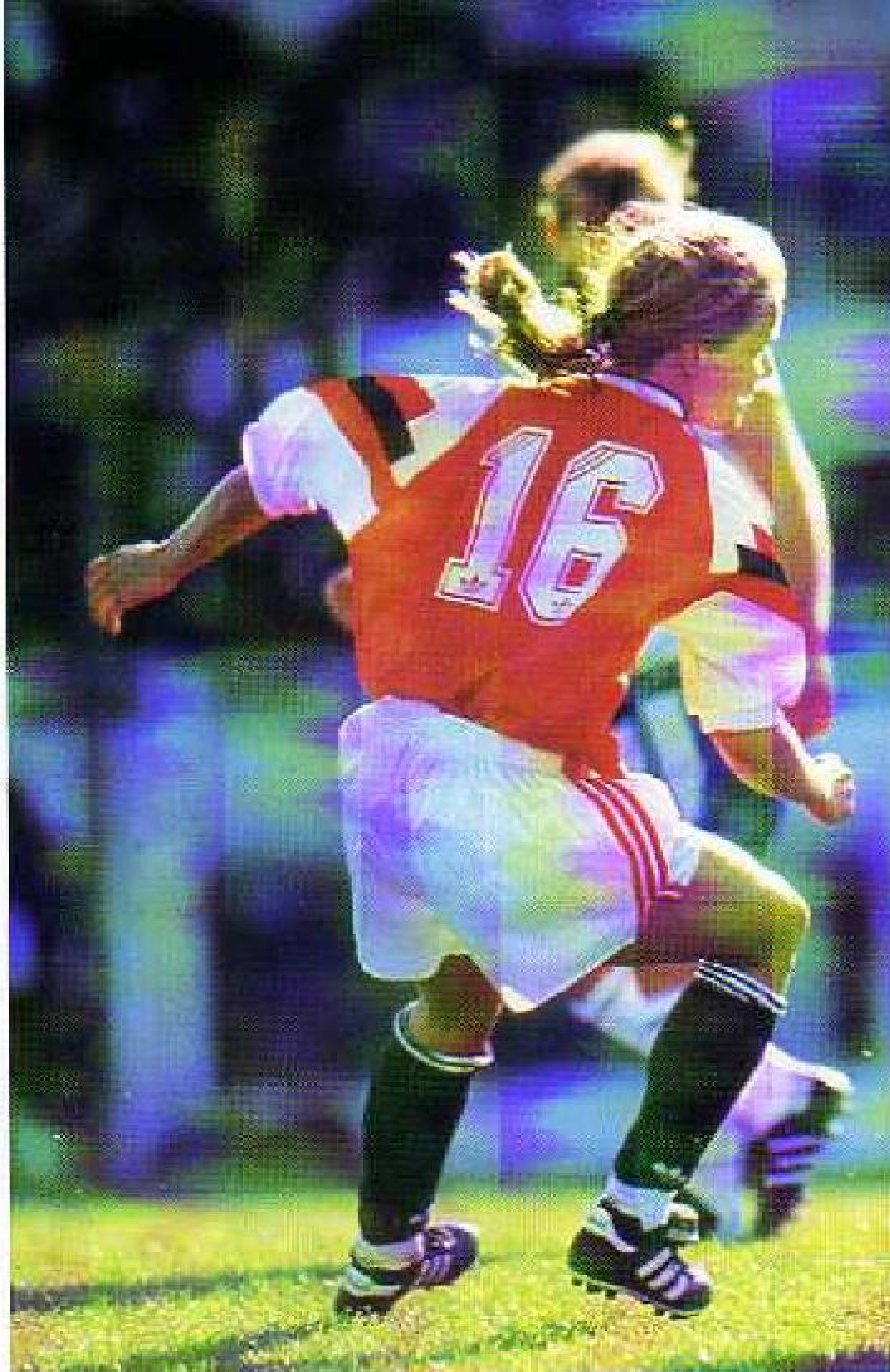
O italiano Roberto Baggio perde a penalidade e dá o título aos brasileiros

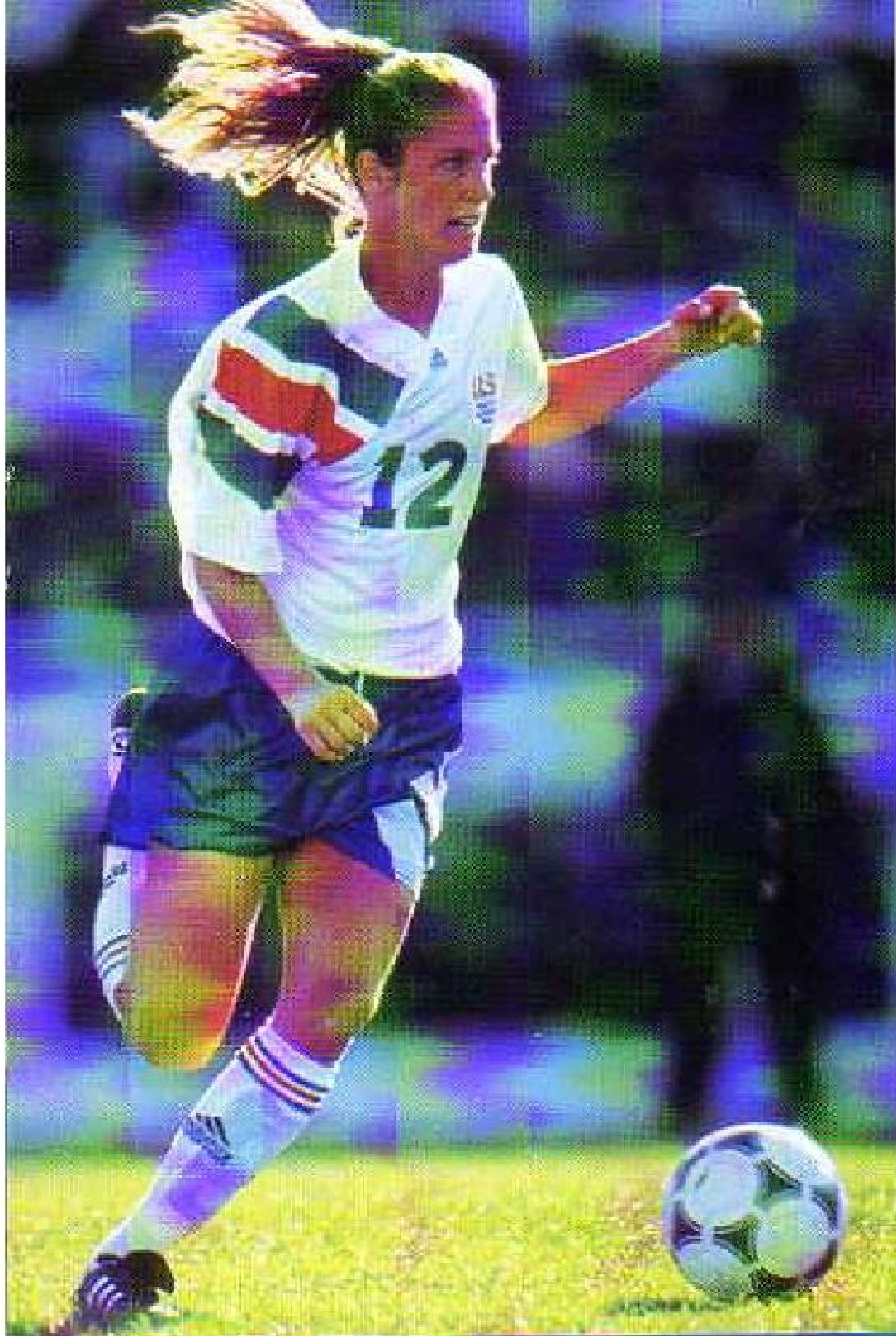
Bola com batom

As mulheres entram em campo e as americanas dominam a modalidade

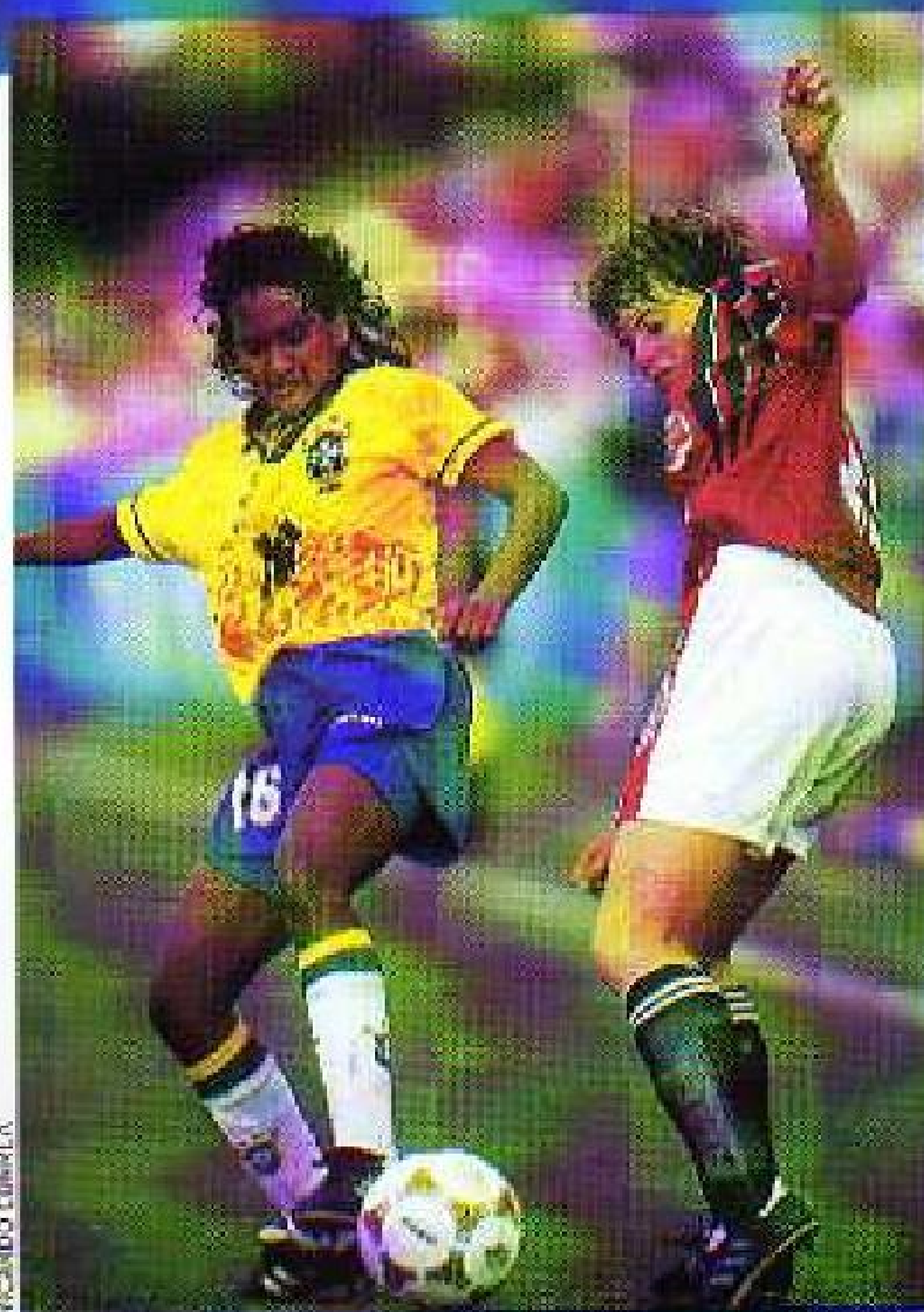
As americanas têm uma Seleção permanente desde 1985 e no ano que vem serão as anfitriãs do terceiro Mundial

OS ESTADOS UNIDOS SÃO O PAÍS DO FUTEBOL. Quando se trata de mulheres com a bola nos pés, ninguém supera as "sobrinhas do Tio Sam". As americanas, que venceram o primeiro Mundial, disputado em 1991, na China, são as atuais campeãs olímpicas e já se preparam para sediar a próxima Copa do Mundo Feminina, em 1999. Largamente praticado pelas meninas nas escolas e nas universidades do país, o futebol tem pelo menos 9 milhões de atletas federadas. Depois da medalha de ouro em Atlanta, as americanas começaram a projetar uma Liga nos moldes da masculina. Tem tudo para dar certo. Principalmente se for levado em conta o profissionalismo com que é encarada a Seleção nacional. Os Estados Unidos têm uma Seleção permanente desde 1985, sediada em Orlando, na Flórida, com programação de competições e amistosos bem farta. Para garantir o Mundial de 1991, por exemplo, as americanas se prepararam durante quase quatro anos, com mais de cinqüenta competições internacionais. Naquele ano, antes da Copa já haviam disputado 22 jogos internacionais.

Há registros de jogos de futebol entre mulheres desde o século XVI. Na virada do século XX, trabalhadoras do norte da Inglaterra batiam bola. A primeira partida internacional de futebol feminino data de 1898, em Londres, quando a Inglaterra enfrentou a Escócia. Mas ganhou mesmo cara de esporte só em 1921, quando as inglesas receberam uma equipe francesa. De lá para cá, a modalidade vem conquistando espaço na Europa. As norueguesas, atuais campeãs mundiais, cada vez mais se interessam em correr atrás da bola. Até mesmo as chinesas, vice-campeãs olímpicas, estão apaixonadas. Calcula-se que 23 milhões delas joguem futebol. Além do crescimento na Europa, o futebol feminino é a nova coqueluche na América do Sul (o Brasil é o atual campeão), mesmo que os resultados ainda sejam tímidos.

No Brasil, a situação vem melhorando ano a ano, mas ainda está muito distante do profissionalismo das rivais norte-americanas. Depois de décadas mergulhada no preconceito de que futebol é "coisa de homem", a modalidade feminina começa a dar caras de coisa séria. Afinal, as brasileiras terminaram a Olímpiada de Atlanta em quarto lugar. O primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia no Brasil foi disputado em São Paulo, em 1921, entre Senhoritas Cantareirenses e Senhoritas Tremembeenses, representando dois bairros paulistanos. Mas o interesse foi tão pequeno que não se sabe o resultado. Há notícias de que a modalidade continuou sendo disputada nos anos 50, mas toda e qualquer intenção de organizá-la em moldes competitivos acabou enterrada pelo regime militar. Em 1964, dirigentes do Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiram a prática do futebol feminino, que perdeu de vez a oportunidade de pelo menos chegar aos pés do futebol praticado pelos

ALLSPORT

homens. Acabou restrito a poucos redutos.

Nos anos 70, o Águias, formado por vedetes de casas noturnas paulistanas, era uma das principais equipes. Mas acabou em 1975. Depois, uma ponta-direita apelidada "Kaffé" montou o Kaffé Futebol Feminino, na mesma época em que passou a gerenciar a boate Moustache, ponto de encontro de lésbicas de São Paulo. Outra jogadora do Águias, Veranice, criou o Panterinhas. Em 1981, a lei que proibia o esporte foi revogada e aí surgiram o Ísis Pop, criado pelo empresário Newton de Castro Ribeiro, pioneiro no ramo de casas de Relax For Men, e o todo-poderoso Radar, time criado no Rio de Janeiro pelo advogado Eurico Lira. A equipe carioca abocanhou dois pentacampeonatos, Estadual e Brasileiro.

A rotina do futebol feminino brasileiro continuou recheada de muito preconceito e amadorismo. Depois da divulgação das competições internacionais e da heróica campanha olímpica das brasileiras, o esporte começou a conquistar espaço. Foram criados os campeonatos Carioca e Paulista com a participação de equipes de clubes tradicionais, como Vasco, São Paulo e Corinthians. As partidas do Paulistana, nome do campeonato em São Paulo, passam a ser disputadas como preliminares dos jogos dos homens, num esforço de popularização. Ainda sem interesse de investir na modalidade, os cartolas da CBF pelo menos deixaram alguém tomar conta do negócio. Repassaram para a empresa Sport Promotion os direitos de explorar a o futebol feminino até o Mundial de 1999.

O Radar, time criado no Rio de Janeiro nos anos 80, abocanhou dois pentacampeonatos, Estadual e Brasileiro

As jogadoras do São Paulo comemoram o título do primeiro Paulistana, em 1997

A Seleção Brasileira volta da Olimpíada de Atlanta, em 1996, com um festejadíssimo quarto lugar

RICARDO CORRÊA

tragédia

O massacre de Bruxelas

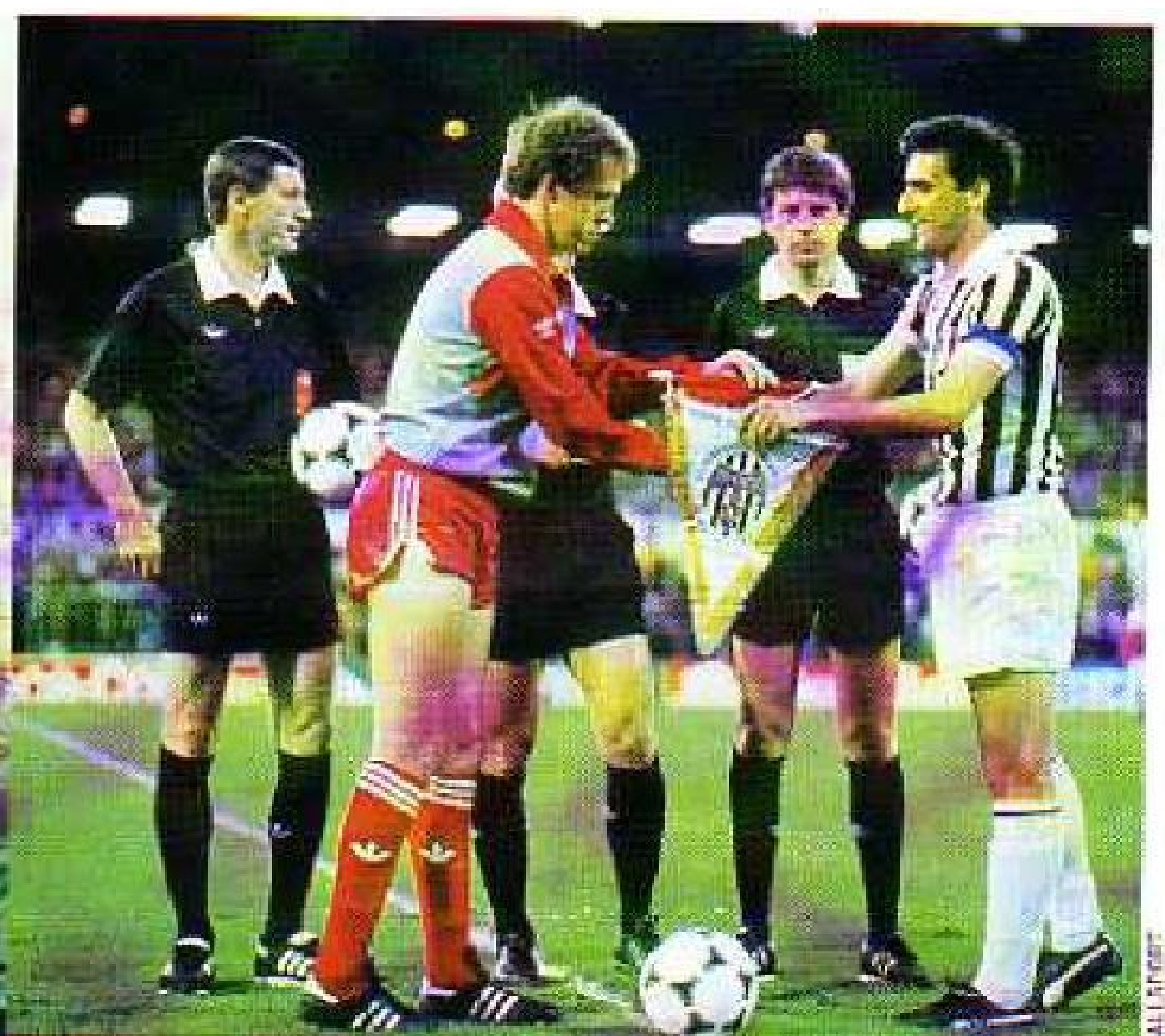
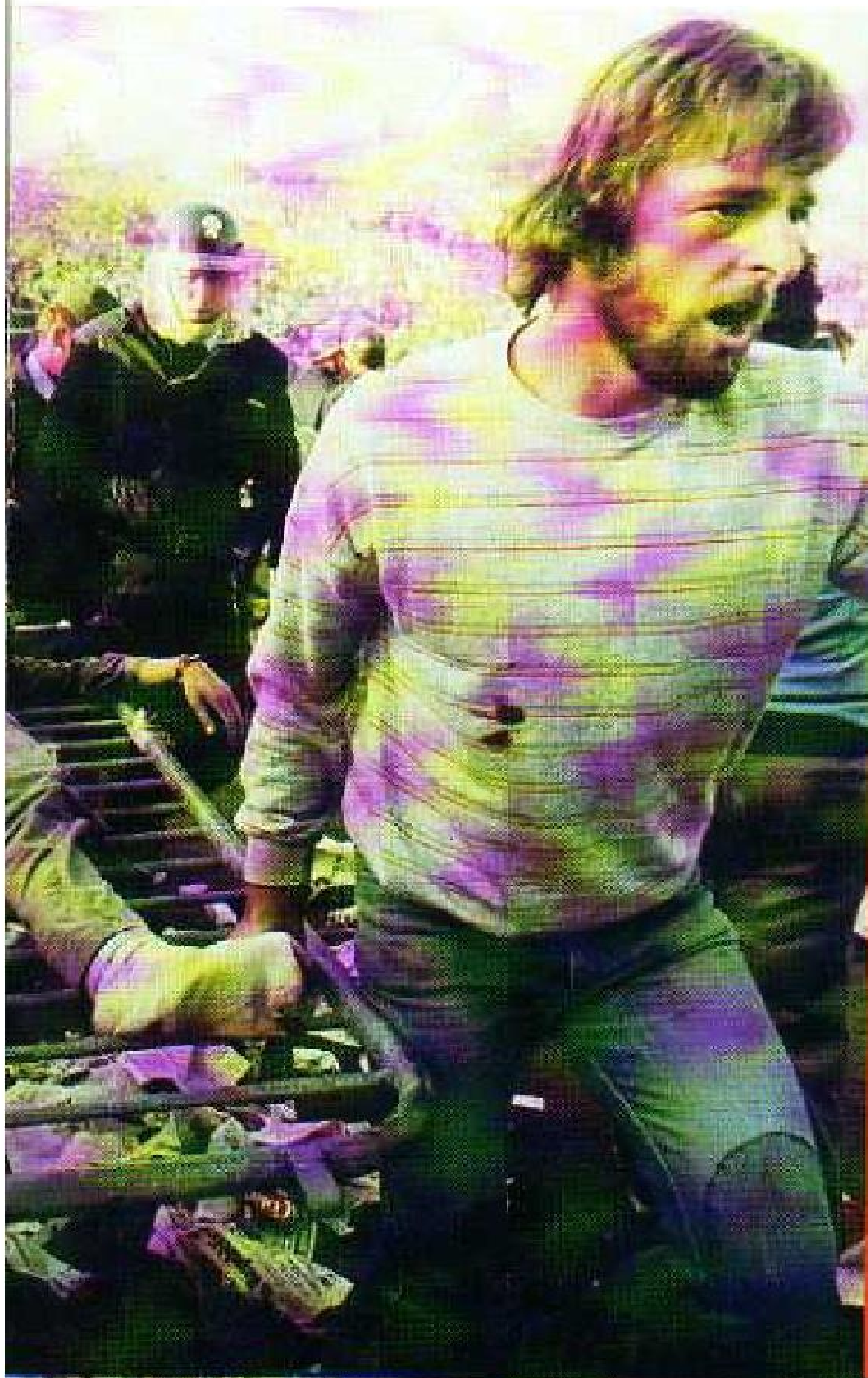
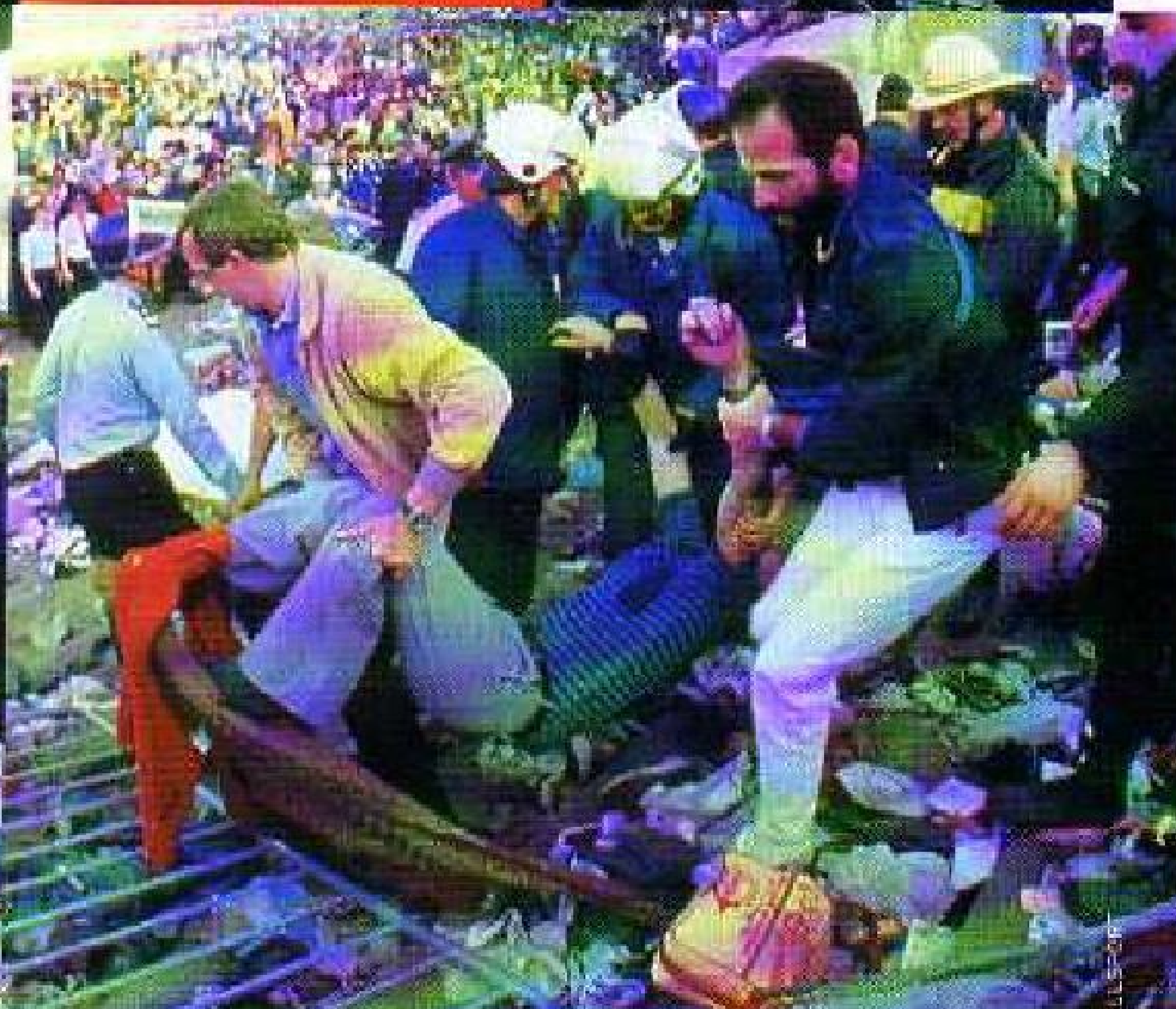
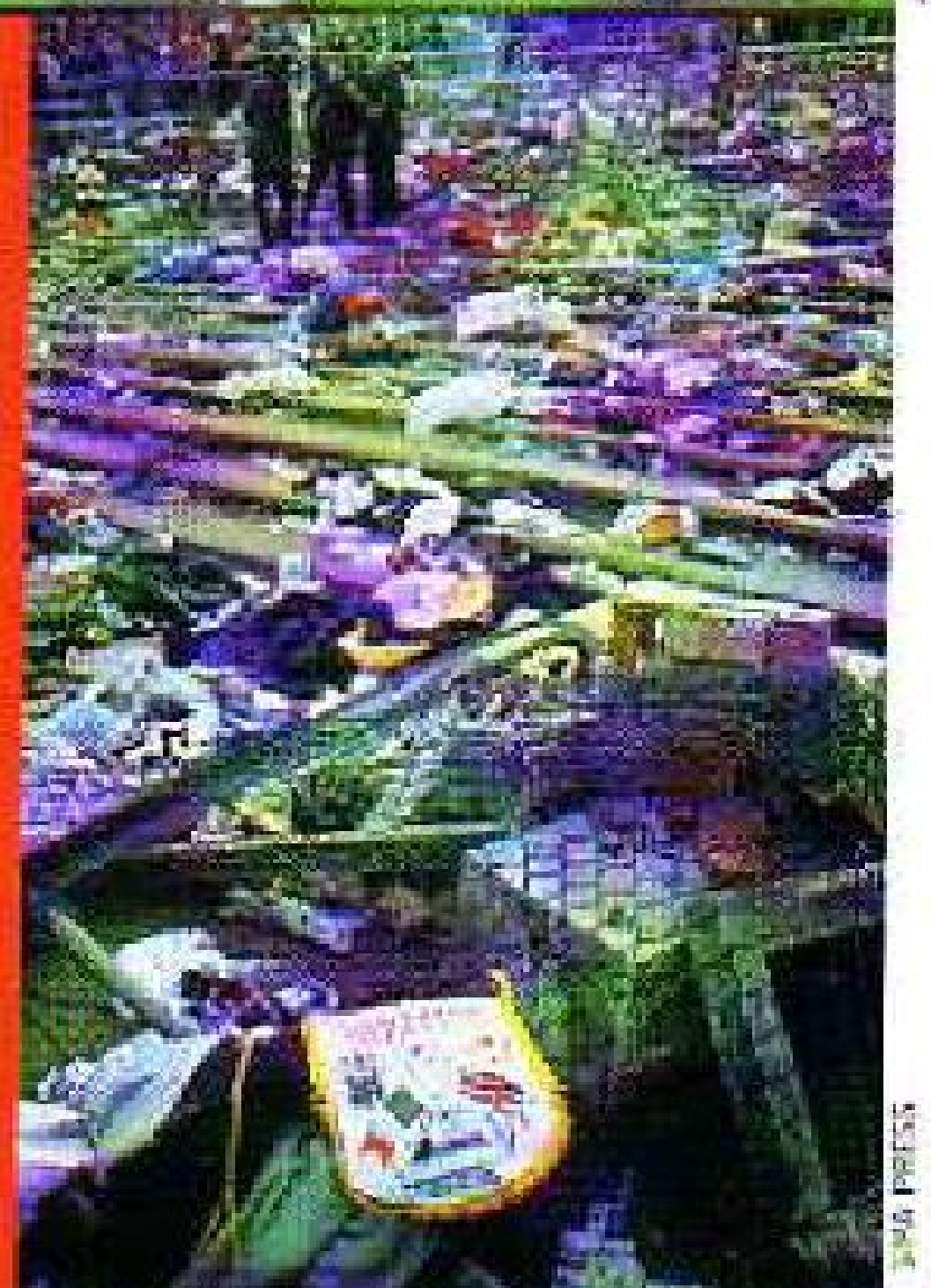
Tristeza e vergonha foram os sentimentos deixados por torcedores do Liverpool e da Juventus na pancadaria do Estádio de Heysel, em 1985

Alguns torcedores ainda tentaram prestar socorro aos feridos. Pedaços de alambrado são usados como macas. Era tarde demais

JAMAIS O FUTEBOL PODERÁ ESQUECER O DIA 29 DE MAIO DE 1985. JUVENTUS, DA ITÁLIA, E LIVERPOOL, DA INGLATERRA, ainda não haviam entrado no gramado do Estádio de Heysel, em Bruxelas, capital da Bélgica, para a Final da Copa da Europa, quando os ensandecidos torcedores ingleses transformaram a paixão em fúria e passaram a agredir os italianos. Resultado trágico: 38 mortos e 350 feridos. "O futebol foi assassinado", resumiu, com propriedade, a manchete de *L'Équipe*, o principal jornal esportivo da França. "Se o futebol tem de matar, que morra o futebol." Ficou sendo este o sentimento do mundo naquela tarde.

O estádio estava com seus 58 000 lugares tomados. Nos dias seguintes à tragédia, políticos e jornais europeus criticaram a polícia belga, que não teria dado a devida atenção à permanente ameaça que os torcedores ingleses têm representado aonde quer que vão. Os policiais belgas foram mesmo impotentes para conter a violência dos torcedores do Liverpool, que causou a morte de quatro belgas, dois franceses, um inglês e 31 italianos.

O próprio alambrado do estádio forneceu material para a violência. Instalado o tumulto, os italianos também se serviram das barras do alambrado para revidar às agressões. Por descabida ironia, o placar eletrônico lembrava aos torcedores, ao fim da tragédia, que era proibido trazer garrafas, fogos de artifício ou qualquer tipo de objeto contundente para dentro do estádio. Terminada a batalha campal, alguns torcedores do Liverpool ainda tentaram ajudar no socorro aos rivais da "Juve". Mas era tarde demais.

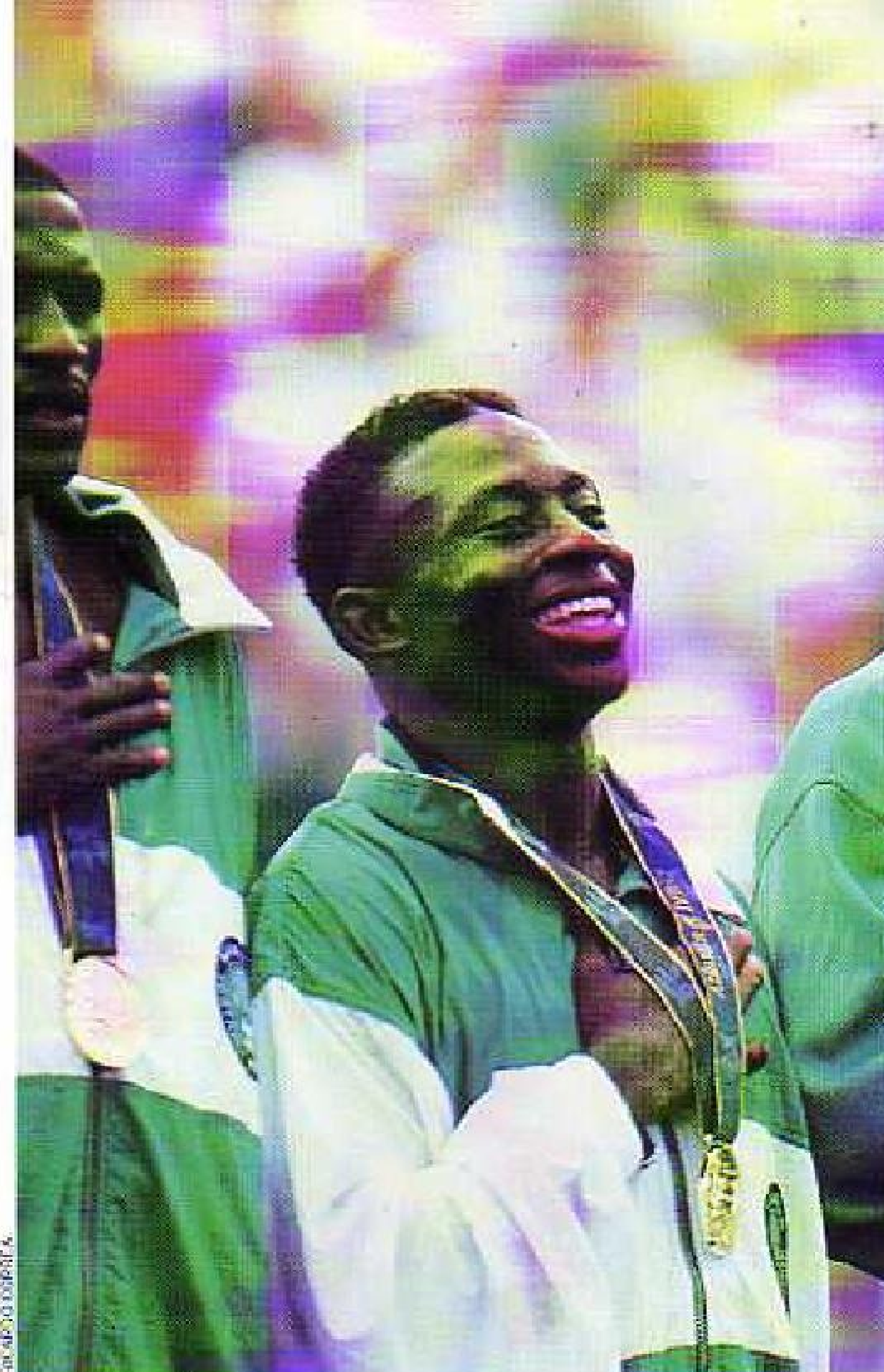
A morte e o horror não foram suficientes para impedir a realização do jogo. A Juventus ainda encontrou ânimo para festejar o único título que faltava em sua coleção. Em Roma, porém, o primeiro-ministro Bettino Craxi reagiu indignado: "Ter disputado este jogo é uma prova de cinismo". Ficou sendo esse também o sentimento de todo o mundo.

A morte e o horror não foram suficientes para adiar o jogo entre Juventus e Liverpool. A polícia belga foi impotente para conter a violência, que causou a morte de 31 italianos, um inglês, dois franceses e quatro belgas

África

Revolução negra

Nos últimos trinta anos, o futebol africano passa de mero coadjuvante à condição de futuro continente da bola

ÀS VÉSPERAS DA COPA DA INGLATERRA, EM 1966, os países africanos decidiram abandonar em bloco as Eliminatórias para o Mundial. Estavam inconformados por terem de jogar entre si para só depois disputar uma única vaga, em um Triangular, com o vencedor do grupo da Ásia e a Austrália. Naquele momento, a reivindicação parecia absurda — afinal, as Seleções eram fraquíssimas e os melhores jogadores do continente, como o moçambicano Eusébio, astro da Seleção Portuguesa, brilhavam com a camisa dos antigos colonizadores da África.

Mas o futuro daria razão a quem pedia mais respeito para o continente. A partir de 1974, os africanos foram conquistando pouco a pouco o seu espaço. Que coincidia com o desejo de João Havelange, o então presidente da Fifa, em permanecer no poder. Em troca de apoio político, ele foi aumentando, gradativamente, o número de vagas por continente (e, em conseqüência, o de participantes) nos Mundiais. A África tornou-se a maior beneficiada.

Dentro de campo, os africanos sempre souberam retribuir esse crédito neles depositado. Revelaram craques — Madjer, da Argélia, na Copa de 1982; Roger Milla, de Camarões, nos Mundiais de 1982, 1990 e 1994; Kanu e Okocha, da Nigéria, nas Olimpíadas de 1996 e na Copa de 1998. Além de George Weah, da Libéria, Yeboah e Abedi Pelé, de Gana, que não chegaram a disputar Copas do Mundo, mas fizeram fama jogando nos principais clubes europeus. Esse intercâmbio está ajudando as Seleções africanas a se livrarem do último rótulo: o futebol alegre e talentoso é, ainda, ingênuo.

Os africanos nas Copas

México, 1970

Os africanos conseguem, pela primeira vez, uma vaga na Copa só para eles, independentemente da briga com os vencedores da Ásia e da Oceania (que ainda tiveram de duelar entre si). A Seleção de Marrocos, em um grupo difícil, não fez tão feio assim. Chegou a estar ganhando da Alemanha até os 11 minutos do segundo tempo, mas acabou derrotada por 2 x 1. Perdeu também do Peru (3 x 0). Na despedida, empatou com a Bulgária (1 x 1).

Marrocos na Copa de 1970: a estréia africana

O ouro olímpico

A maior conquista do futebol africano foi a medalha de ouro da Nigéria nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Gana já tinha chegado à medalha de bronze em Barcelona, quatro anos antes.
A demolidora Nigéria de Kanu e Ikpeba não tomou conhecimento do Brasil de Roberto Carlos, Ronaldinho e do técnico Zagallo (venceu por 4 x 3, na morte súbita, pelas Semifinais). Nem da Argentina de Passarella (3 x 2, na decisão).

Os nigerianos derrotam o Brasil e a Argentina: medalha de ouro em Atlanta

O Zaire enfrenta o Brasil em 1974: vexame

Alemanha, 1974

O Zaire, primeiro representante da chamada "África Negra", dá vexame. Leva de 2 x 0 da Escócia e de 9 x 0 da Iugoslávia (maior goleada da história das Copas até 1982, quando a Hungria bateria El Salvador por 10 x 1). Faz os brasileiros sofrerem, tomando o terceiro gol dos 3 x 0 que nos deram a classificação somente a onze minutos do final da partida. E termina a sua participação com 14 gols sofridos, nenhum marcado.

Argentina, 1978

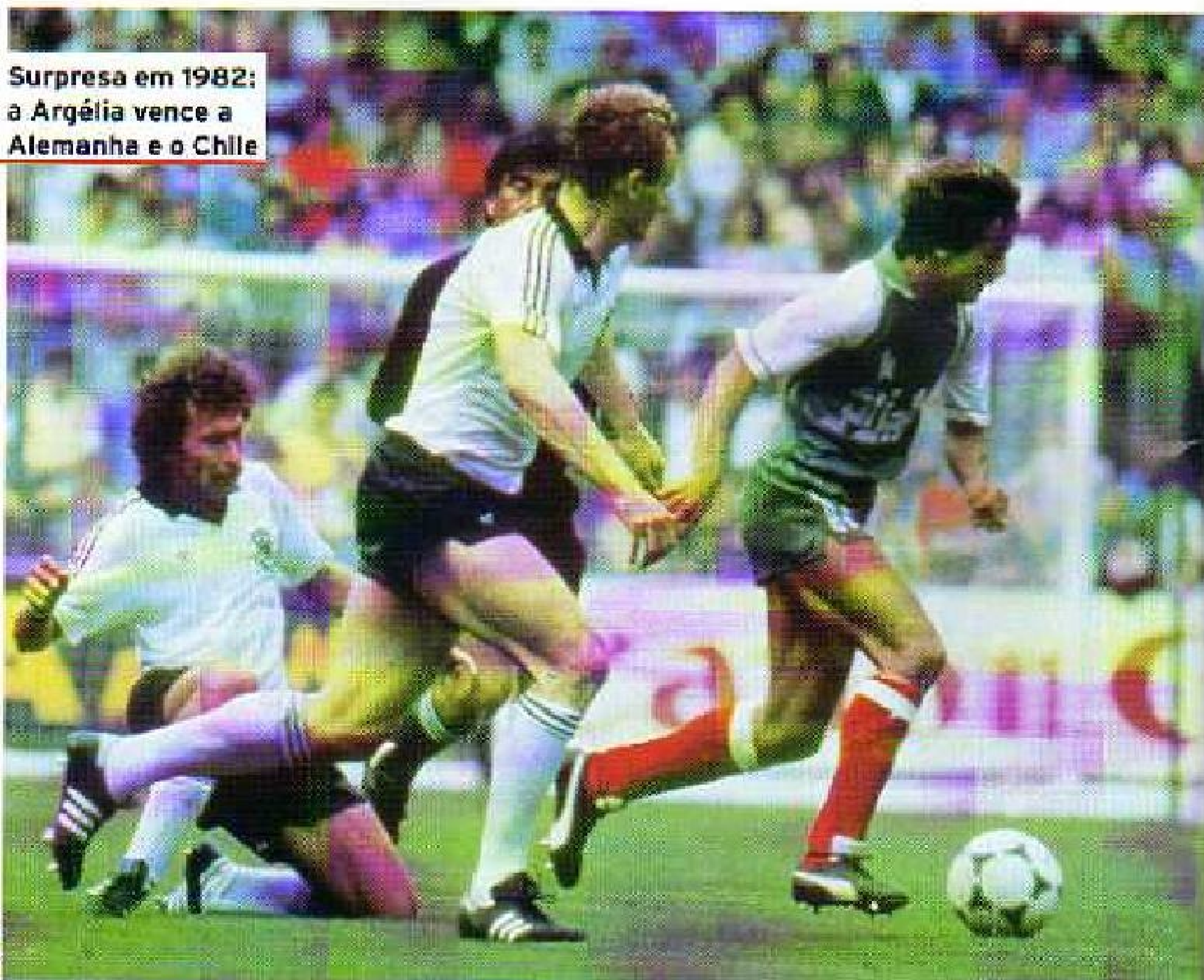
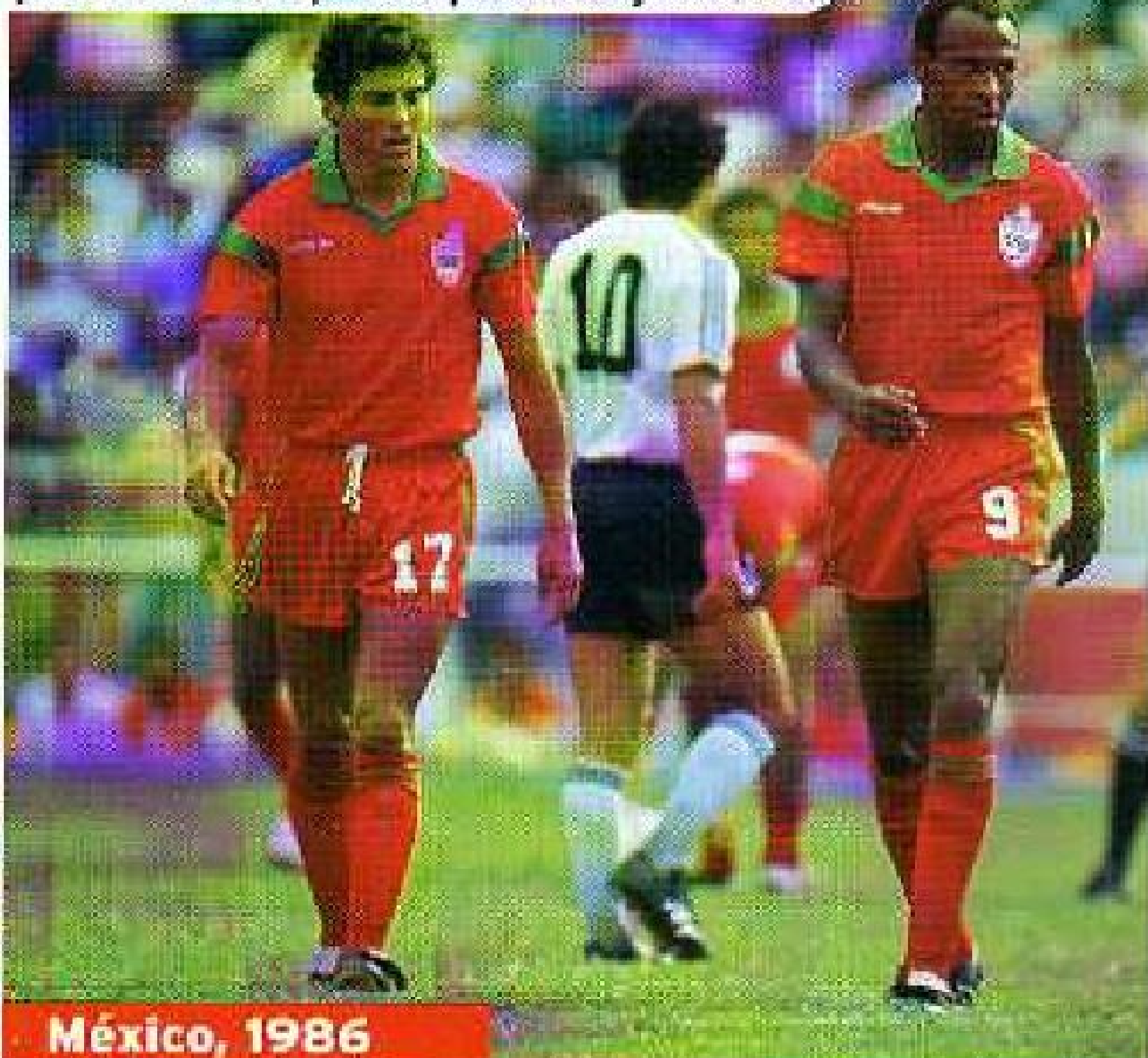
A Tunísia, representante africana no Mundial, é chamada nas páginas de PLACAR de "Alegria do Povo". Vence o México (3 x 1), vende caro uma derrota para a Polônia (0 x 1) e se despede empatando com a poderosa Alemanha (0 x 0).

Tunísia: a primeira vitória no Mundial de 1978

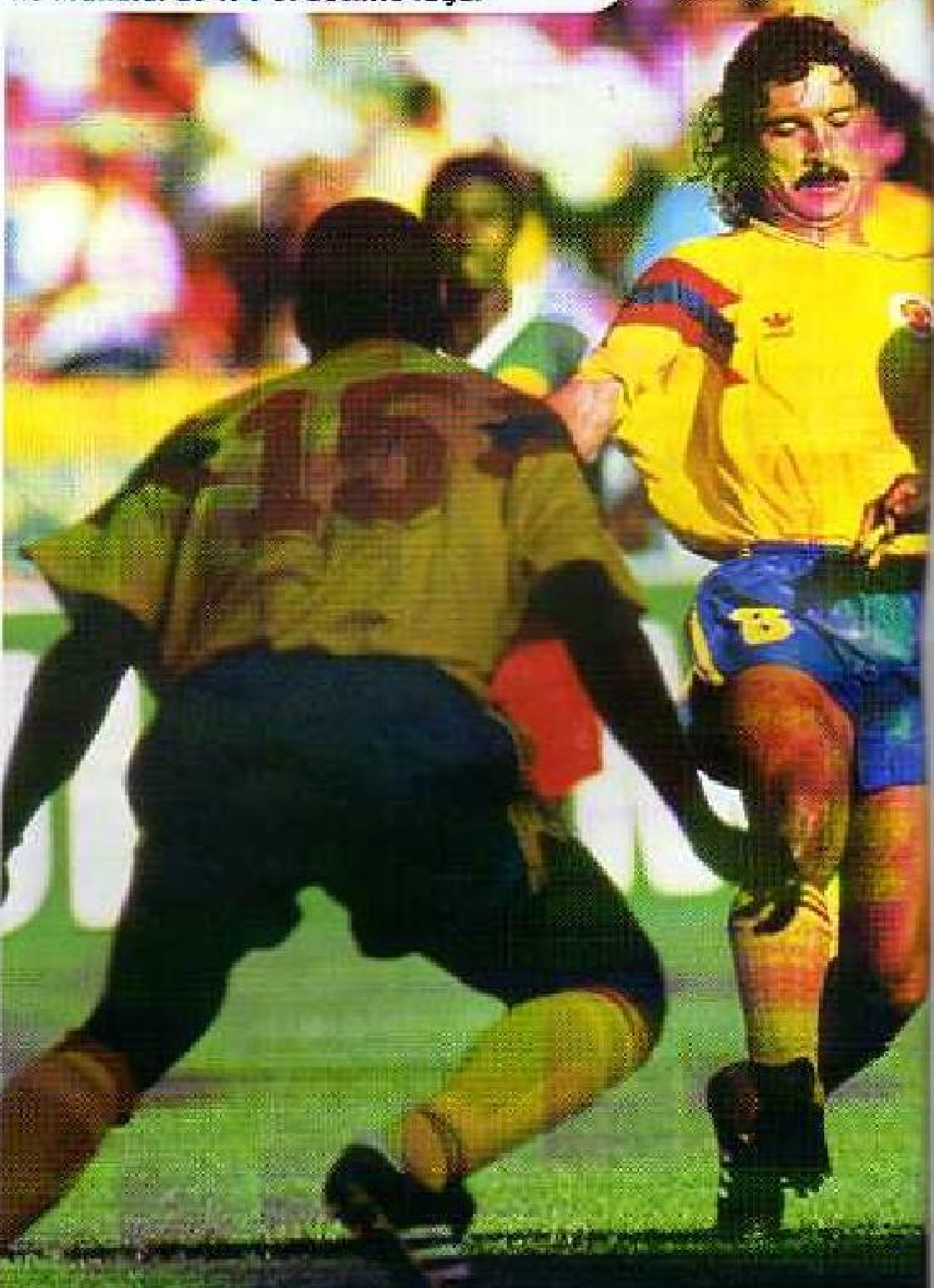
África

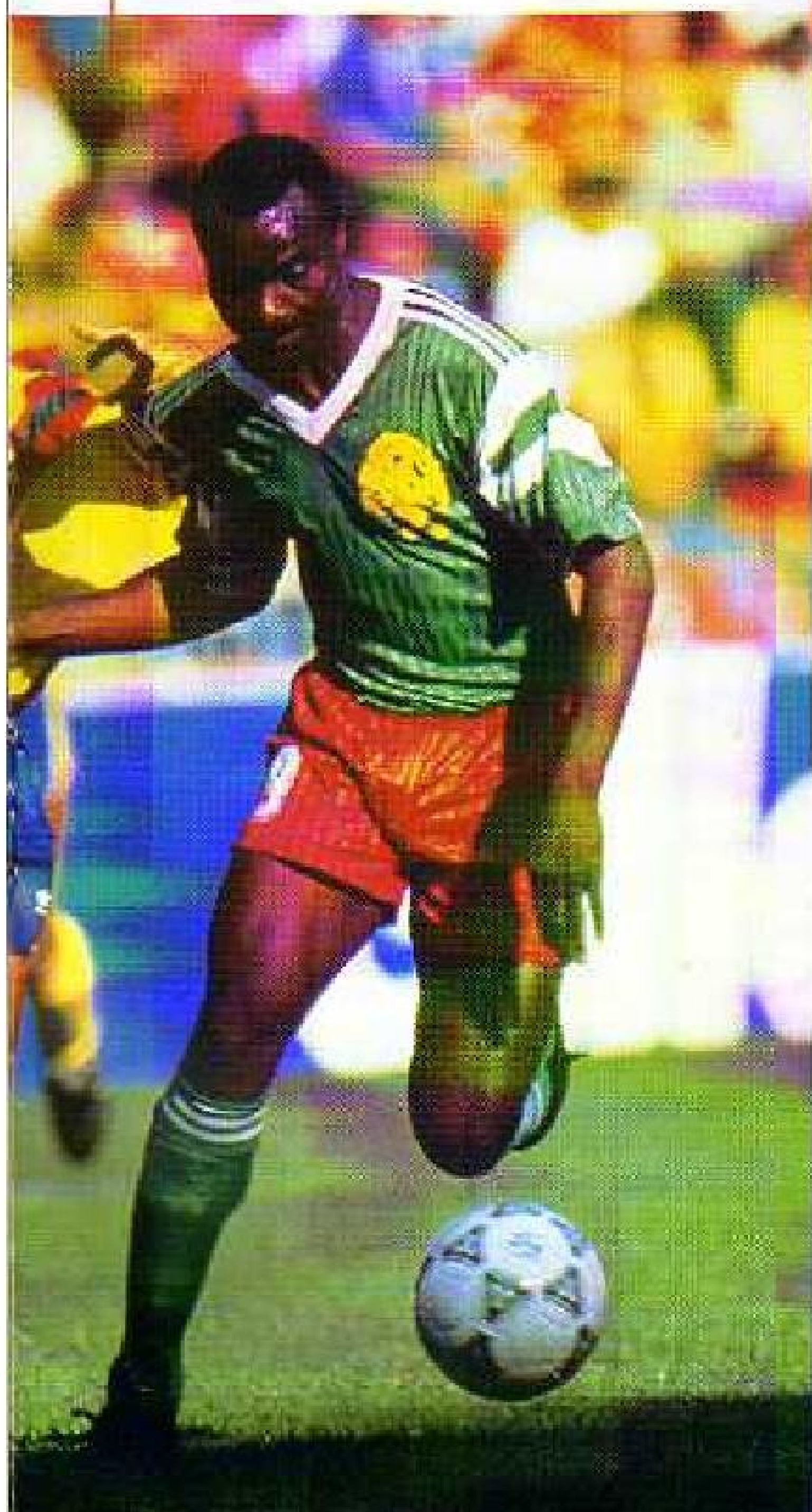
Espanha, 1982

Com o aumento no número de participantes na Copa (de dezesseis para 24), a África passa a ter dois representantes. E ambos brilharam.
A República dos Camarões, do goleiro N'Kono e do atacante Roger Milla, termina invicta, com três empates, inclusive um 1 x 1 contra a futura campeã Itália, que a desclassificou somente no saldo de gols.
A Argélia de Madjer e Belloumi vence a Alemanha (2 x 1) e o Chile (3 x 2). Mas perde da Áustria (0 x 2) e é vítima de um acordo dos próprios austríacos com os alemães, que se contentam com uma vitória por 1 x 0 para classificar ambos.

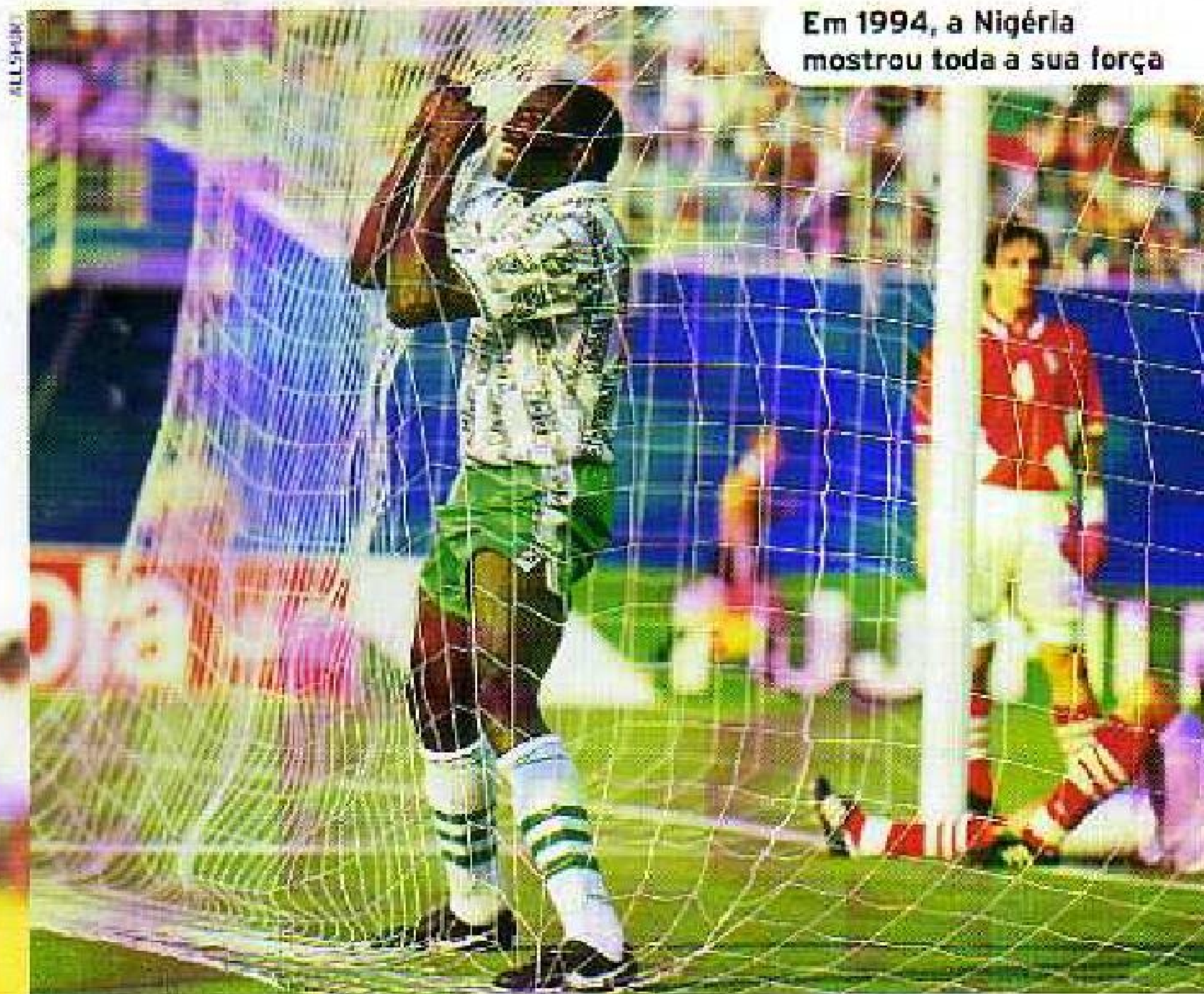
Surpresa em 1982: a Argélia vence a Alemanha e o Chile

Na Copa de 1986: Marrocos é o primeiro país africano a passar para a segunda fase

México, 1986

Velhos conhecidos do público internacional, Argélia e Marrocos voltam a representar o continente. Os argelinos empatam com a Irlanda do Norte (1 x 1) e perdem para Brasil (1 x 0) e Espanha (3 x 0). Marrocos, treinado pelo brasileiro José Faria, empata com Polônia e Inglaterra (0 x 0), vence Portugal (3 x 1) e torna-se o primeiro país africano a se classificar para as Oitavas-de-Final. Não resiste, porém, à Alemanha, que vence por 1 x 0, gol de Matthäus, a dois minutos do final.

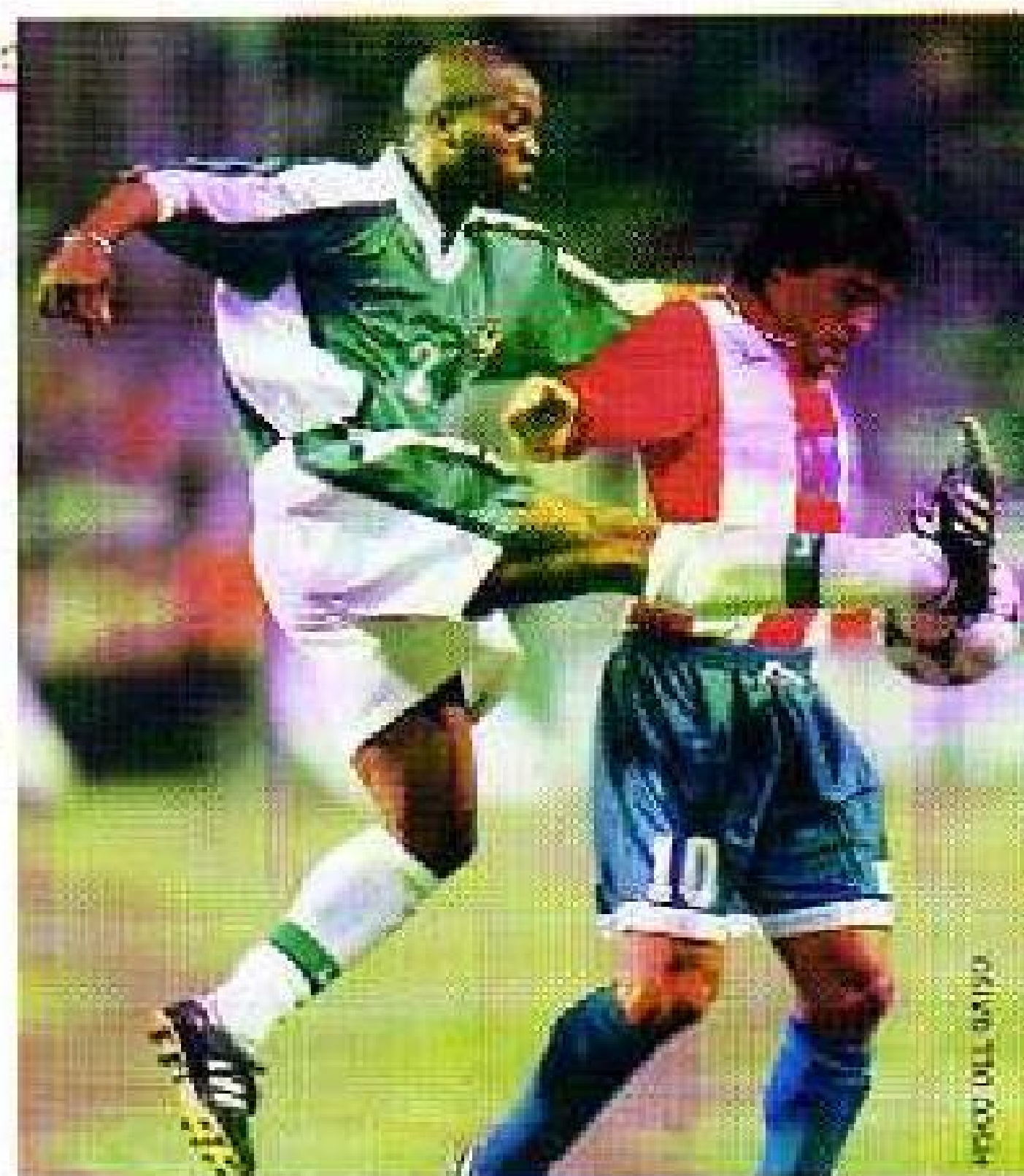
Show de bola de Roger Milla, de Camarões, no Mundial de 1990: sétimo lugar

Itália, 1990

O Egito, que havia sido o primeiro país africano a participar de uma Copa, em 1934, volta com dois empates (1 x 1, contra a Holanda, e 0 x 0, contra o Eire) e uma derrota (0 x 1, para a Inglaterra). Mas todas as atenções recaem sobre Camarões, do velhinho Milla. Aos 38 anos, ele conduz sua equipe a um inédito sétimo lugar. Nas Quartas-de-Final, os camaronenses — que, na estréia, já haviam vencido a Argentina por 1 x 0 — chegaram a estar vencendo a Inglaterra por 2 x 1 até os 38 do segundo tempo. Mas quiseram jogar bonito e tomaram a virada por 3 x 2. No ano seguinte (1991), Gana torna-se a primeira Seleção africana campeã mundial, vencendo o sub-17. Em 1993, os ganenses chegam ao vice mundial de juniores.

Estados Unidos, 1994

O número de participantes ainda é o mesmo (24), mas o de africanos sobe para três: Camarões, Nigéria e Marrocos. Os camaronenses dão o azar de cair no grupo do Brasil campeão, para quem perdem por 3 x 0. Empatam com a Suécia (2 x 2) e são goleados pela Rússia (1 x 6). Marrocos perde da Bélgica (0 x 1), da Arábia Saudita (1 x 2) e da Holanda (1 x 2). Quem vai mais longe é a promissora Nigéria, que goleia os búlgaros (3 x 0) e vence os gregos (2 x 0). Perde para a Argentina (1 x 2), mas só pára, mesmo, nas Oitavas-de-Final, vencida pela Itália na prorrogação (1 x 2).

ALLSPORT

Em 1994, a Nigéria mostrou toda a sua força

França, 1998

Agora, dos 32 países na Copa, cinco são africanos (Marrocos, Camarões, África do Sul, Nigéria e Tunísia). Todos, menos a Nigéria, caem na Primeira Fase. Contando com a mesma base dos Jogos de Atlanta, os nigerianos são a sensação do Mundial, classificando-se em primeiro no grupo mais difícil, que tem Espanha, Paraguai e Bulgária. Até cruzarem com a Dinamarca nas Oitavas-de-Final e serem despachados de volta para casa com um surpreendente 4 x 1.

Na França, a Nigéria é derrotada nas Oitavas-de-Final

Ronaldinho alegria do Barça

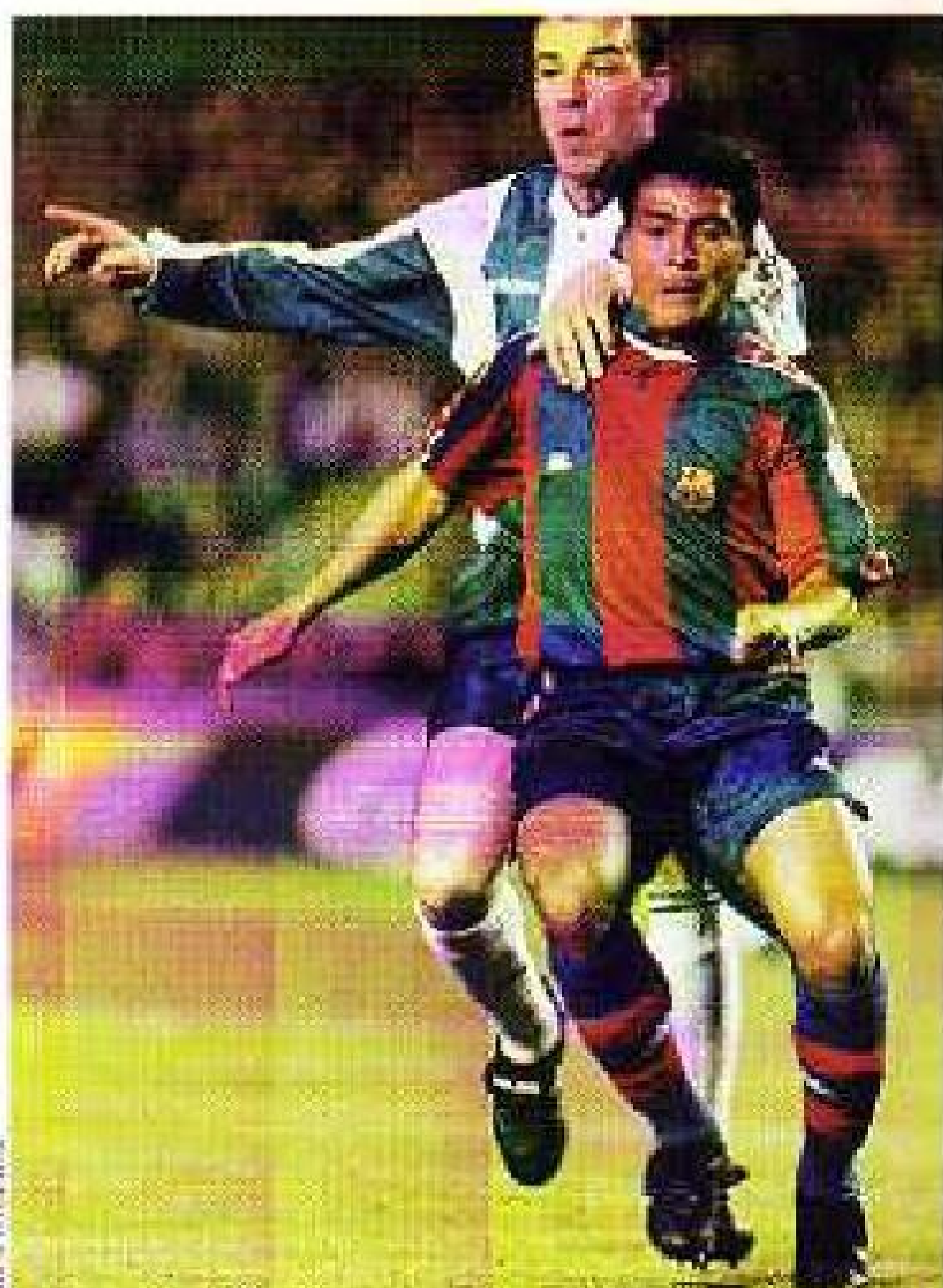
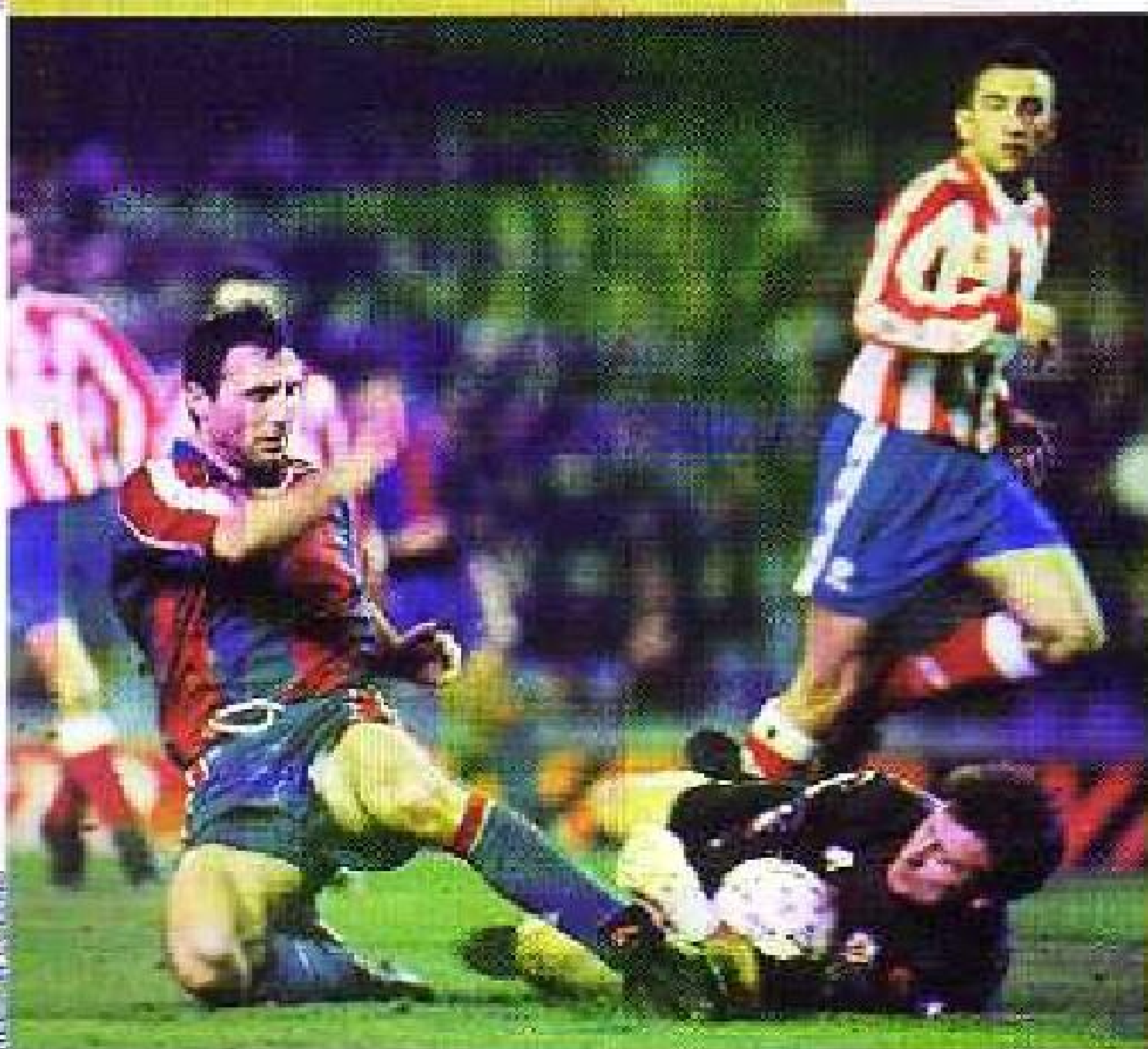
O atacante ergue a Recopa européia, o seu primeiro título internacional, e vira herói do Barcelona. Foi a sua despedida do clube espanhol, um dos melhores do mundo na década de 90

Ronaldinho marcou o gol decisivo e depois ergueu a taça: "Quando a bola entrou, senti uma emoção enorme e uma vontade de sair gritando"

RONALDINHO ERGUEU A RECOPA, O SEGUNDO MAIS IMPORTANTE TORNEIO INTERCLUBES DO FUTEBOL EUROPEU. Como herói. Depois de uma de suas arrancadas mágicas, o camisa 9 sofreu pênalti do zagueiro N'Gotty, do Paris Saint-Germain, que ele mesmo converteu, aos 37 minutos do primeiro tempo. "Ronaldo é muito rápido", surpreendeu-se N'Gotty. "Talvez ele tenha ficado um pouco nervoso por ter chegado atrasado no lance e isso explica o pênalti", analisou Ronaldinho.

A partida foi disputada em Roterdã, na Holanda que venerou Ronaldinho de 1994 a 1996, no dia 14 de maio de 1997. "Em 1996, eu tinha vindo aqui para ganhar a Taça da Holanda no meu último jogo pelo PSV, mas hoje a sensação foi muito melhor", festeja Ronaldinho. O centroavante garantiu não ter ficado nervoso nem na hora da cobrança, que aconteceu na frente da torcida do PSG. "Eu pedi para cobrar, sim", explicou. "Não tenho medo de cobrança e não fico nervoso em decisão. Esperei o goleiro Lama sair e bati forte. Quando a bola entrou, senti uma emoção enorme e uma vontade de sair gritando."

Na hora de receber o troféu, Ronaldinho parecia uma criança. Apanhou uma das bandeiras que a torcida lhe jogou e correu em transe. Depois fez o mesmo com a taça nas mãos durante a volta olímpica, abraçado com o brasileiro Giovanni. Ronaldinho dedicou a vitória ao pai, Nélio (preso dois meses antes, por porte de drogas) e também pretendia festejar depois com a mãe, que estava na tribuna do Estádio Feyenoord.

Barcelona campeão da Recopa européia de 1997: vitória por 1 x 0 sobre o Paris Saint-Germain, em Roterdã

Uma equipe repleta de craques em toda a sua história: o brasileiro Romário *(acima)* e o búlgaro Stoichkov são dois exemplos

FÚTBOL CLUB BARCELONA

ENDEREÇO: Aristides Maillol, s/nº, 08028, Barcelona
FUNDAÇÃO: 1899
UNIFORME: camisa vermelha e azul, em listras verticais; calção azul; meias azuis
ESTÁDIO: Nou Camp (109 061 espectadores)
TÍTULOS: 15 Campeonatos Nacionais (1929, 45, 48, 49, 52, 53, 59, 60, 74, 85, 91, 92, 93, 94, 98); 24 Copas da Espanha (1910, 12, 13, 20, 22, 25, 26, 28, 42, 51, 52, 53, 57, 59, 63, 68, 71, 78, 81, 83, 88, 90, 97, 98); 4 Recopas Européias (1979, 82, 89, 97); 1 Copa dos Campeões (1992); 3 Copas da Uefa (1958, 60, 66); 1 Supercopa Européia (1993)
GRANDES JOGADORES: Samitier, Zamora, Kubala, Evaristo de Macedo, Cruyff, Sotil, Neeskens, Asensi, Quini, Michels, Koeman, Roberto, Salinas, Laudrup, Zubizarreta, Lineker, Stoichkov, Romário, Ronaldo, Giovanni e Rivaldo

1899 - O F.C. Barcelona é fundado.

1929 - É o primeiro Campeonato Espanhol e o Barça fatura o título. Antes, já havia vencido oito Copas da Espanha, que, até 1928, era a única competição oficial existente.

1951 - É o ano da décima vitória na Copa da Espanha, uma conquista que abre caminho para uma das melhores décadas do Barcelona. Nos anos 50, o clube ganhou os títulos nacionais de 1952, 53 e 59, além de conquistar as Copas da Espanha de 1952, 53, 57 e 59, e as Copas da Uefa de 1958 e 60.

1979 - O Barcelona goleia o Targona por 10 x 1, estabelecendo seu recorde de gols em uma partida. O mesmo marcador seria repetido em 1979, contra o Rayo Valecano.

1989 - O Barça conquista sua terceira Recopa.

1992 - O time dirigido por Cruyff ganha a primeira Copa dos Campeões da história do clube. Na disputa do Mundial Interclubes, o time tromba com o São Paulo de Telê Santana, que vence a partida por 2 x 1, de virada.

1994 - Tetracampeão espanhol, com o brasileiro Romário no elenco.

1996 - O clube contrata os brasileiros Giovanni e Ronaldinho. Ronaldinho deixa o clube em meados de 1997 e outro brasileiro, Rivaldo, chega para substituí-lo.

Teste seus conhecimentos

Vamos lá! É hora de ver a fita e responder a três questões:

1. Qual foi o primeiro país da chamada "África Negra" a disputar uma Copa do Mundo?

a) Marrocos, em 1970
b) Zaire, em 1974
c) Moçambique, em 1966

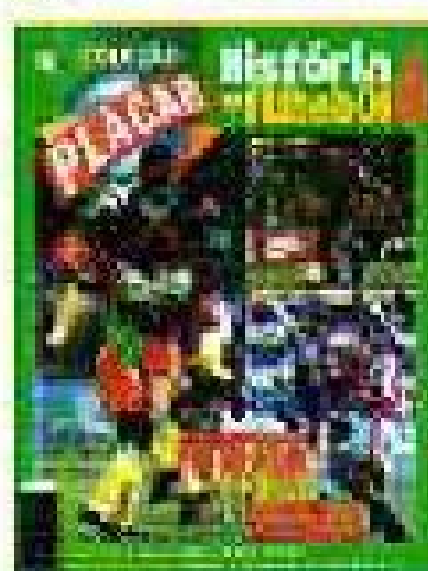
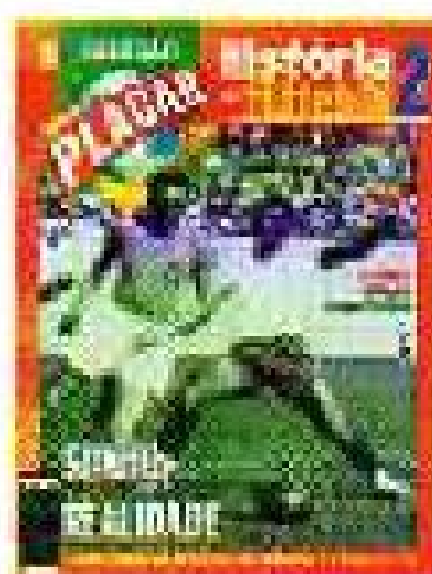
2. Franz Beckenbauer foi o técnico da Alemanha, campeã mundial de 1990. Ele havia conquistado o mesmo título, como jogador, em 1974. Qual era o seu apelido naquela época?

a) Bavaria
b) Brahma
c) Kaiser

3. Qual foi o país que conquistou o primeiro Campeonato Mundial feminino, disputado em 1991, na China?

a) Noruega
b) Estados Unidos
c) Brasil

Respostas: 1.b; 2.c; 3.b

Complete a sua coleção

Se você perdeu algum dos seis exemplares da "História do Futebol", ligue para (011) 810-4800

Está pensando em comprar a coleção completa para dar de presente a um amigo? O telefone é 0800 119-222.

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomasik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

Diretor de Redação: Marcelo Duarte

Diretor de Arte: Silas Botelho
Redator-Chefe: Sérgio Xavier Filho
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editores Seniores: Alfredo Ogawa, Luís Estevam Pereira
Editores Especiais: Amauri Barnabé Segalla, Celso Unzelte
Repórteres Especiais: Lúcia de Oliveira, Rogério Daflon, Sérgio Garcia (Rio de Janeiro)
Repórteres: Christian Carvalho Cruz, Manoel Coelho
Subeditor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Repórter Fotográfico: Fisco Del Gaiso
Chefes de Arte: Adriana Nakata, Fábio Bosquê Ruy
Diagramadores: Luciano Augusto de Araujo, Tatiana Cordal Parlmeno, Vanina Bindá Batista
Atendimento ao Leitor: Luís Eduardo Alves, Rodolfo Martins Rodrigues

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo; **Abril Press:** José Carlos Augusto; **Nova York:** Grace de Souza; **Paris:** Pedro de Souza

Publicidade
Diretora de Vendas: Thaís Chede Soares B. Barreto

Vendas São Paulo
Executivos de Negócios: Cristiane Tassoulas, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo Amaral
Gerente de Agências: Moacyr Guimarães
Executivos de Contas: Ana Marta M.G. de Castro, André Chaves, Liliane Gnecchi, Patrícia Trofeli, Renata de Abreu Moreira
Gerente de Marketing Publicitário: Elizabeth de Menezes Rocha

Vendas Rio de Janeiro
Gerente de Publicidade: Leda Costa
Contatos de Agências: Leonardo Rangel, Lúcia Angélica

Assinaturas
Diretor de Operações e Serviços: Antonio Almeida
Diretor de Vendas: William Pereira

Circulação
Claudia Saadia (Assinaturas), Marcelo Jucá (Bancas, Promoções e Eventos)

Projetos Especiais
Adriana Naves, Celio Leme

Planejamento e Controle
Gilascio C. Barros

Processos
Gilson Del Carlo

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritórios Regionais: Marcos Venturelli
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões
Representante em Portugal: Manuel José Teixeira

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

COLEÇÃO
PLACAR
Romário
O HERÓI DO TETRA